

# Sarney lamenta erros da esquerda

E afirma que *progressistas* jogaram o governo nas mãos da direita

TARCÍSIO HOLANDA  
Repórter Especial

Embora tranqüilo e descontraído, nos últimos dias o presidente Sarney não esconde suas mágoas com alguns setores políticos. Ele atribui à esquerda uma postura oportunista, que a levou a desamparar o governo de aliados em momento delicado da vida nacional, empurrando-o literalmente para uma posição de direita. Sarney lembra que todos os que o conhecem sabem que ele é um político e intelectual de formação humanística, situando-se no centro, com uma postura francamente reformista.

Sarney acha que as lideranças de esquerda estão cometendo mais um erro irreparável dos muitos que essa corrente ideológica praticou ao longo de nossa história. Lembra que, assim agindo, a esquerda deixou de colaborar para que o primeiro governo da transição democrática pudesse completar um programa reformista, em termos sociais. O Presidente considera desconfortável a posição a que foi levado, mas não lhe cabia ocupar outro espaço, nas circunstâncias atuais.

Segundo alguns de seus amigos do PMDB, Sarney manterá a posição conservadora, submetendo-se ao império das circunstâncias. No momento oportuno, livre dos embaraços que tolhem seus movimentos, ele pretende refluir para a posição de centro-reformista em que sempre se situou, ao longo de toda a sua vida. Diante da nova realidade, não lhe resta senão censurar mais um erro da esquerda brasileira, que deixa de contribuir para uma fase de modernização do País, ao romper a aliança com o governo. Sarney lembra os processos de transição em Portugal, com

Mário Soares, e na Espanha, com Felipe González. Alguns líderes eminentes do PMDB, entre os quais o próprio Ulysses Guimarães, concordam em termos gerais com as colocações de Sarney. Em análises que faz junto com alguns políticos de sua intimidade, Ulysses também constata que as esquerdas, particularmente do PMDB, obrigaram o atual Presidente a refluir para uma posição conservadora.

Como presidente do PMDB, Ulysses lamenta principalmente que a posição assumida pelo senador Mário Covas e seus companheiros de corrente tenha resultado no enfraquecimento do partido, pela divisão. O PMDB — que, na visão de Ulysses, tinha todas as condições para moldar o figurino da nova Carta Constitucional, desde que apurasse uma vontade majoritária entre seus diferentes 305 constituintes — perdeu essa oportunidade histórica.

O líder do PMDB na Constituinte assume a responsabilidade por uma posição de cobrança dos compromissos partidários. Ele sustenta que o PMDB não pode esquecer as promessas que fez em praça pública, não pode ignorar seus compromissos programáticos. "É isso que estou fazendo: cobrar o cumprimento de promessas e de bandeiras", afirma Mário Covas, disposto a ir até o fim em sua luta.

Como o que importa em política é o resultado, a divisão do partido é uma fratura exposta. Insegura com os avanços da esquerda na Constituinte, desconfiada das intenções do líder Mário Covas, a direita articulou o Centrão, conseguindo atrair uma massa amorfa de constituintes de centro para posição extremada. No balanço de Ulysses, eis outro aspecto negativo que teria de ser creditado ao er-

ro que identifica na ação do senador Mário Covas e seus companheiros de corrente.

E forçoso reconhecer que Sarney foi desamparado pelos grupos de vanguarda do PMDB, pelas lideranças mais expressivas do partido, sem excluir o habilidoso Ulysses Guimarães. Muitos se indagam se Tancredo estaria sujeito ao mesmo problema, se tivesse assumido a Presidência da República.

Alguns políticos mineiros íntimos do presidente falecido garantem que seu plano, conhecido de alguns dos seus amigos, era estimular uma profunda divisão do PMDB, sustentando que era impossível governar com as esquerdas do partido. Se era ou não o seu plano, é outra história. Mas, a verdade é que o programa econômico de Tancredo era ultraconservador, na medida em que previa um acordo com o Fundo Monetário Internacional, o que colocaria o velhopolítico em conflito com a esquerda do PMDB.

Uma das primeiras iniciativas de Tancredo, uma vez deflagrada a abertura democrática, ainda com Petrônio Portela vivo no Ministério da Justiça, foi sair do MDB para fundar o Partido Popular, declarando aos jornais que o seu partido não era o de Araras. Tancredo tinha em mente governar com os políticos mais conservadores do PP e de outros partidos, certo de que entraria em conflito com as esquerdas.

Tancredo tinha atrás de si um grande Estado, como Minas Gerais. Sarney é político de um Estado politicamente inexpressivo, como o Maranhão. E está certo de que sua condição de maranhense pesou na debandada de muitos políticos antes aliados de seu governo.

EUGENIO NOVAES



Robertão, entre Amaral e Fernando Henrique: aposta na inversão da pauta

## Robertão: O tempo é inimigo dos 5 anos

"O maior inimigo do mandato de cinco anos é o tempo" — profetizou ontem o deputado Roberto Cardoso Alves, um dos líderes do Centrão, que, ignorando um pacto feito na véspera com a cúpula do seu grupo, para descartar o assunto, assegurou que conseguirá dos centristas uma adesão maciça à tese da inversão da pauta para uma decisão imediata. E até chegou a dizer que para isso basta reverter a posição contrária dos líderes José Lourenço (PFL) e Gastone Righi (PTB), "por sinal, dois íntimos amigos meus". Depois, advogou que o governo "de uma mãozinha" substituindo os ocupantes de cargos indicados pelos defensores de 4 anos por gente afinada com os 5 anos, "os amigos".

Ao saber que Robertão, como é conhecido o peemedebista de São Paulo, violou o pacto de não vincular mais o Centrão a mandato, sistema de governo e inversão da pauta, o deputado Afif Domingos (PL-SP) acusou: "Tem gente apostando e até provocando uma cisão dentro do Centrão para que deste rachão surja uma crise institucional e impeça a Constituinte de concluir sua tarefa". Indagado se incluía seu contingente nesse grupo, foi claro: "se insiste, só pode ser".

Afif Domingos desde a véspera vinha trocando o que chama de pancadas com Robertão a respeito não só de duração de mandato presidencial como inversão da pauta. Mas a cúpula do Centrão, para evi-

tar problemas internos, optou pelo pacto do silêncio. De acordo com o deputado do PL, é demais querer negar a realidade, pois, informou, o movimento hoje nas bases pelos quatro anos é muito mais forte do que as campanhas no mesmo sentido que estão nas ruas. Na sua opinião, "o barulho da marola é mais forte". Tanto assim que previu ser possível ainda levar grandes entidades como a Fiesp a se sensibilizarem com as pressões.

Enquanto assistia à entrevista, outro integrante do comando centrista, o deputado Ricardo Izar (PFL-SP), protestou contra a posição de Roberto Cardoso Alves e anunciou que não assina a inversão da pauta nem concorda com o uso do grupo para esse fim, apesar de defensor dos 5 anos. Cauteloso com a divisão, o líder do governo, Carlos Sant'Anna, preferiu dizer que não tem certeza ainda sobre se a inversão seria um bom caminho. Ontem, ele aproveitou a sessão da Constituinte para ultimar o levantamento que vem fazendo para o presidente José Sarney a respeito da posição do plenário. Por enquanto, informou que o resultado é "promissor e não conclusivo".

Robertão reconheceu que existe muitas resistências no Centrão aos propósitos do Presidente da República, por isso recebeu que "o governo de uma mãozinha", ou seja, tirar todos os inimigos defensores dos quatro anos e indicados por políticos afinados com essa tese para colocar os ami-

gos dos 5 anos, principalmente no Inamps, Serpro, BNDES, IBC, SEI e Conselho Nacional de Pesquisas.

E nem precisa colocar apenas os amigos, prosseguiu o peemedebista de São Paulo, numa ressalva feita com o objetivo de negar que o Centrão queira praticar fisiologismo. Nós, informou, não queremos nomear, apenas desejamos ver nos cargos os amigos do governo, afinados em orientação e objetivos, e não queremos que se dê força ao adversário.

— Deus só dá o paraíso para quem cumpre sua doutrina, reza na sua cartilha e cumpre seus mandamentos. Do contrário, vão todos para os quintos dos infernos — prosseguiu ainda o deputado, achando que daquela composição surgiria a unidade do Centrão em torno da inversão da pauta para a decisão sobre o mandato.

Ele disse ainda que o tempo funciona contra o presidente José Sarney, porque quanto mais perto do fim do governo mais o deputado se torna independente, certo de que o cafezinho do Palácio começa a ficar difícil. Além disso, a demora para o entendimento ajuda a consolidar as posições opostas.

Por último, Roberto Cardoso Alves voltou a profetizar que se as esquerdas insistirem nos quatro anos estaremos diante de um quadro favorável a um golpe, porque não se terá leis para operar a nova Constituição e o País entrará na balburdia.

## Planalto mantém as esperanças

A. C. SCARTEZINI  
Especial para o CORREIO

A posição das lideranças, reunidas ontem com o deputado Ulysses Guimarães, contra a inversão na ordem da votação da nova Constituição não altera o comportamento tático do Planalto em relação à Constituinte. Acredita-se no Planalto que o teatro de operações à disposição do presidente Sarney na Constituinte continua a ser a base, o plenário decisivo, onde o Centrão pode montar maiorias para derrubar as lideranças.

Assim, a preocupação maior continua a repousar no Centrão que passa a demonstrar, de maneira cada vez mais ostensiva, que não tem pressa em votar o tamanho do mandato presidencial e o sistema de governo. Alegam alguns centristas que importante é não precipitar uma votação enquanto não se estiver com seu resultado sob controle, mas a evidência é a de que eles preferem estar às duas votações para, enquanto isso, conquistar mais posições no governo. Se as lideranças não aceitarem a inversão, o plenário ainda poderá fazê-lo.

Alegam alguns centristas que o importante é não realizar uma votação enquanto não se tiver certeza sobre o seu resultado final. Saliem que o mandato e o sistema são duas questões tão delicadas que se quer constam da enorme emenda que o Centrão apresentou ao projeto constitucional, pois a discussão delas poderia rachar o movimento, que também se dividiria com a votação precipitada das duas questões.

Mas outros centristas não dissimulam a disposição em esticar ao máximo a decisão final às duas questões mais importantes para o presidente Sarney. Enquanto esticam a decisão podem conquistar mais posições no governo, inclusive com nomeações de amigos nas assessorias mais importantes dos ministérios. Ao mesmo tempo, poderiam usufruir de outros sinais exteriores de prestígio político.

Mas o presidente Sarney acha que está tudo bem e continua a confiar no mandato de cinco anos. Acredita que a decisão será mesmo na temporada de votações que hoje se abre na Constituinte. Aliás, há algum tempo que assessores

sugerem ao presidente não conter muito com posições favoráveis ao Planalto cujas decisões envolvam o comportamento da mesa da Constituinte.

Como a esperança do Planalto é mesmo a base da Constituinte, volta a circular entre os colaboradores do presidente Sarney a impressão forte de que o sistema de governo vai depender do mandato. Se aprovados cinco anos de mandato, colaboradores acreditam que vai crescer o movimento pelo parlamentarismo, devendo o presidente preparar-se para conviver, no mínimo, com alguma forma de presidencialismo mitigado.

### PARLAMENTARISMO

Se prevalecerem os quatro anos de mandato, seria a derrota definitiva do parlamentarismo. Como não se cansa de observar o governador Pedro Simon, lá do distante Rio Grande do Sul, os quatro anos desencadeariam imediatamente a sucessão de Sarney e com os candidatos nas ruas, não haveria como impedir a consolidação do presidencialismo — ao contrário do que aconteceria com os cinco anos.

fazendo lembrar o tempo que era porta-voz do Planalto, quando suas opiniões causavam grande rebulção no Governo. Ele acha que o presidente Sarney deve tomar decisões duras, para servir como exemplo para moralizar o País. Para combater a corrupção, argumentou, seria necessário demitir todos os envolvidos, mas Sarney teme cometer injustiças.

O presidente Sarney mandou o Serviço Nacional de Informações continuar com o processo de análise para descobrir e comprovar as denúncias de corrupção em seu Governo. Sarney, de acordo com Mesquita, sabe a hora que vai ter de agir, e acredita que o povo não será decep-

cionado.

## Há risco de golpe, diz Mesquita

O governador do Território de Fernando de Noronha e ex-porta-voz do Governo, Fernando César Mesquita, disparou ontem, em Brasília, a sua metralhadora giratória contra os defensores do mandato de quatro anos para o presidente José Sarney. Mesquita afirmou que um presidente eleito este ano seria deposto em apenas quatro meses, porque não teria condições de governar o País.

Fernando César Mesquita acredita na vitória da emenda do deputado Matheus Jensen (PMDB-PR) que concede cinco anos para Sarney, porque acha que todos os constituintes estão conscientes do que pode acontecer se a eleição para presidente for realizada es-

tante ano. Ele explica que o presidente Sarney conhece bem a situação do País, e tem vivência pública para compreender o que pode acontecer.

## Presidente só muda sua rota pela saúde

DILZE TEIXEIRA  
Da Editoria de Política

De tempos em tempos, variando de dois a três meses, o presidente José Sarney desvia sua rota do Palácio da Alvorada rumo ao eixo monumental, para intranquilidade dos repórteres credenciados no Palácio do Planalto. Sem informações sobre essas "fugas", os jornalistas gastam um tempo enorme, sempre instigados pelos seus editores, para descobrir aonde foi o Presidente? Ao Hospital das Forças Armadas, fazer uma bateria de exames de rotina, é a resposta.

Foi o que ocorreu na noite de terça-feira, quando o Presidente foi ao Hospital das Forças Armadas realizar um exame de vista utilizando a atropina para dilatação de pupilas que, até ontem ainda dificultava a leitura. Esses exames nem sempre acontecem por indicação médica, muitas vezes é o próprio Sarney que sugere ao seu médico, Dr. Messias Araújo, como no caso de terça-feira,

que foram abolidas quando assumiu a Presidência. Seu médico, aconselhou-o, ao invés de tomar pilulas, de efeito duvidoso, utilizar-se de vitaminas em seu estado natural, comendo maior quantidade de frutas e verduras. Para manter a saúde nada como uma alimentação equilibrada e caminhadas todos os dias, arrematou Dr. Messias que muitas vezes acompanha o Presidente nesses exercícios — nem sempre diário pois as obrigações de cargo não permitem.

De todos os exames feitos até hoje pelo Presidente, o que mais preocupou foi o que ele realizou no Instituto do Coração — Incor — em São Paulo, por recomendação de seu médico, no início do ano passado. As especulações foram as mais pessimistas mas sem qualquer fundamento. Os testes incluíram o ergométrico — teste de esforço para avaliar o estado cardíaco — e apresentaram um resultado satisfatório. Desde então Sarney não se furta a uma visita ao HFA para acompanhar o estado de sua saúde.